

Notações Musicais Alternativas: Levantamento em Periódicos de Educação

Musical

Simpósio

GTE 19 - Outro

Anderson Beckenbauer Gomes Godinho
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
andersonbeckenbauer1@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um recorte de uma monografia desenvolvida no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Espírito Santo, que empreende um levantamento sobre o uso de notações musicais alternativas em periódicos acadêmicos brasileiros. Trata-se de uma pesquisa documental com abordagem qualitativa, centrada na análise de artigos publicados na Revista da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e na Música na Educação Básica. O objetivo foi mapear, classificar e compreender as diferentes formas de notações musicais que se distanciam da notação tradicional, observando sua nomenclatura, funções pedagógicas e as dimensões musicais por elas representadas. As conclusões da pesquisa permitem traçar tendências de uso das notações musicais alternativas no ensino de música, como a ainda diminuta atenção investigativa dedicada ao tema e a utilização recente de notações digitais nos periódicos selecionados.

Palavras-chave: notações musicais alternativas; educação musical; ensino de teoria musical.

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte da pesquisa de TCC desenvolvida para a obtenção do título de licenciado em Música, finalizada em 2022 na Ufes. Utilizou-se de uma abordagem qualitativa e tem a pesquisa documental como método de coleta de dados. A pesquisa iniciou-se com a análise de revistas acadêmicas, especialmente a Revista da Abem e Música na Educação Básica, abrangendo todas as edições, até o ano de 2022.

O objetivo central deste estudo é mapear artigos que abordam o emprego de notações alternativas na educação musical em periódicos brasileiros, concentrando-se nas publicações em português das duas revistas da Associação Brasileira de Educação Musical. Também se

busca categorizar as notações identificadas e analisar tendências temáticas e metodológicas ligadas a essas práticas.

A utilização de partituras não convencionais é justificada, entre outros motivos, pela promoção da democratização do ensino musical, uma vez que a notação tradicional pode não ser recomendável em certos casos, como para determinadas idades ou fases do aprendizado.

Notações Tradicionais

Nesta investigação compreende-se como tradicional os modelos de notações utilizados em conservatórios, sendo eles: a partitura, as cifras e as lead sheets, dessa forma ao decorrer deste capítulo irei discorrer sobre cada uma dessas formas de registro de música.

A partitura convencional se torna o principal método de registro visual dos sons musicais ao longo do Período da Prática Comum. Alguns de seus principais elementos visuais são o pentagrama, as notas e pausas, as claves, além de outros sinais que foram sendo incorporados com o tempo, como indicações de dinâmica, andamento e articulação.

A realidade é que “a trajetória da notação musical está intimamente relacionada com o desenvolvimento da própria música ocidental, e vice-versa” (Abreu e Duarte, 2020, p. 77). Em grande parte dos cursos de música, essa notação é tão relevante quanto o produto final da música, que é o som, e não sua forma visual ou mecânica. Muitas vezes, ela é vista como um instrumento essencial para a prática performática.

A notação musical é vista como o único acesso verdadeiro à música. Por esta razão, a notação musical é extremamente importante e um aspecto essencial do conceito de música como um todo no sistema formal. (Feichas, 2006, p. 101, tradução nossa, apud Alcantara Neto, 2010, p. 168).

Sem desconsiderar a complexidade e precisão da partitura, essa forma de notação se consolida como a principal maneira de registrar música em todo o mundo, já que está intimamente ligada à história da música ocidental, e a globalização reforça a preponderância de seu uso.

Outro modelo de escrita convencional é a cifragem harmônica, tendo sua utilização dirigida à nomeação e à classificação dos acordes. Há uma certa oposição de alguns teóricos musicais que limitam o uso da cifragem apenas para a música popular:

Notações Alternativas

O estudo das notações alternativas envolve uma definição que pode ser interpretada de maneira subjetiva ou variável, dependendo do autor. Neste trabalho, para compreendê-las, a estratégia adotada foi destacar suas diferenças em comparação com a notação tradicional.

As notações alternativas, neste trabalho, envolvem outras maneiras de representação visual que transcendem a partitura convencional ou sugerem abordagens totalmente distintas. Aqui, as notações alternativas são classificadas em dois grupos, com base no grau de proximidade com a escrita musical tradicional. Como citado anteriormente, existem formas visuais que vão além da notação convencional, e muitas dessas simbologias estão associadas a obras modernas e contemporâneas, principalmente quando partituras, cifras ou lead sheets não conseguem capturar todos os aspectos musicais desejados. Esse é o exemplo ilustrado na Figura 4.

Figura 4: Trecho da peça Treatise, de Cornelius Cardew (1963-67)¹



Fonte: Biazon (2019, p. 87).

O segundo grupo é composto por notações que se distanciam mais dos métodos tradicionais da escrita musical ocidental, oferecendo uma maneira ainda mais singular de representar a música, como ilustrado na Figura 5.

Figura 5: Exemplo da notação musical russa "Put"

¹ "A primeira versão da partitura, de 1967, consiste em 170 páginas de ilustrações gráficas, não ordenadas, e que foi publicada sem nenhuma instrução ou bula (Biazon, 2019, p. 86)".



Fonte: Monteiro (2020, p.72)

Na Figura 4, percebe-se a presença de símbolos como as linhas do pentagrama e figuras melódicas, que vão além da partitura convencional. Enquanto isso, na Figura 5, referente à notação put, não há traços da notação tradicional, mas sim indicações de movimento melódico, semelhantes aos neumas medievais.

Vale ressaltar que esta pesquisa concentra-se apenas no segundo grupo, que engloba as notações que se distanciam mais intensamente da notação convencional. As notações da Figura 4, por sua vez, são amplamente utilizadas em práticas de composição e performance no século XX, especialmente na música moderna e contemporânea, e demandariam um trabalho dedicado, capaz de conectá-las às vanguardas e às experimentações sonoras típicas desses períodos.

Ainda são muitos os professores adeptos apenas da escrita musical tradicional, pois existe uma crítica à introdução da notação através de 'notinhas infantilizadas' ou sistemas de 'notas mágicas coloridas'. Souza, ao se referir à perspectiva da educadora musical Meyer Denkmann, ressalta que “esses processos significariam uma negativa ao desenvolvimento da inteligência infantil.” (Souza, 1991, p. 59, 60).

Em oposição, para a linha pedagógica que admite o emprego de notações alternativas em música.

[a] introdução da notação musical dentro de seu modelo é um aspecto muito importante. Ela utiliza da pré-notação, onde as crianças desenham sinais e símbolos inventados por elas mesmas. Aos poucos ela introduz a notação absoluta de altura e duração (Souza, 1991, p. 59-60).

Sabe-se que as teorias pedagógicas contemporâneas sugerem que o professor adote uma variedade de métodos didáticos para enriquecer o ensino. No âmbito da educação musical, é crucial respeitar as diferenças dos alunos e considerar suas realidades ao propor metodologias para o ensino da escrita musical. Como ressaltam Grossi e Montandon, "[...] conceitos aprendidos e, até então tidos como inquestionáveis, precisam ser reconstruídos, reaprendidos para a prática do ensino e aprendizagem da grafia musical (Grossi e Montandon, 2005, p. 124).

Notações Alternativas Nos Periódicos Selecionados

Nesta seção, procederemos à exposição dos dados coletados sobre as notações alternativas, começando com a apresentação do levantamento, e logo em seguida descrevendo as classificações que emergiram sobre a utilização das notações não convencionais.

Levantamento De Dados

Buscando conhecer os fundamentos da utilização de partituras não convencionais na educação musical no Brasil, foram revisadas as revistas da Associação Brasileira de Educação Musical, de 1995 (v. 1) a 2021 (v. 29), totalizando 50 edições. No caso da Revista Música na Educação Básica, a pesquisa abrangeu o período de 2009 (v. 1) a 2020 (v. 10), com 10 edições. O total de textos analisados foi de 535, limitados à língua portuguesa, sendo 458 da Revista da Abem e 77 da MEB. Dentre os trabalhos lidos, foram selecionados 28 artigos relacionados à temática desta pesquisa, sendo 11 (39,28%) da Revista da Abem e 17 (60,71%) da MEB.

Quanto às nomenclaturas

Seguindo a classificação já estabelecida, a escrita musical não convencional é aquela que se distingue significativamente das formas visuais tradicionais, como a partitura e as cifras. Nesta seção, abordarei as nomenclaturas mencionadas nos textos para essas formas de grafia, considerando sua adoção pelos autores.

É evidente que a escrita tradicional e alternativa em música seja designada por várias nomenclaturas, refletindo a apropriação de elementos musicais novos e particulares pelos

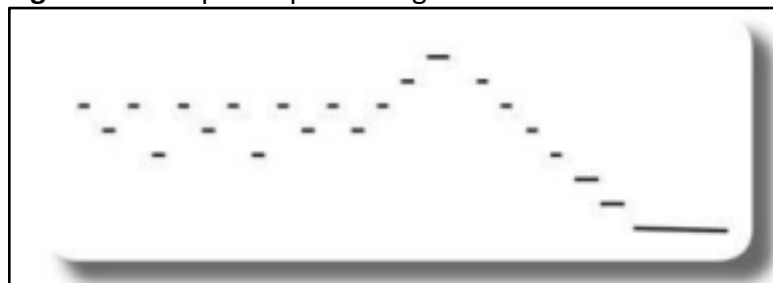
autores. Del Pozzo (2008) reitera essa questão ao discutir as distintas terminologias de escrita em música:

Além disso, encontramos classificações similares, mas com terminologias diferentes. Por exemplo, o que Karkoschka chama de Notação Exata, Pergamo denomina Notação Tradicional ou Ortocrônica e, Zamprona, Notação Tipo 5 – Métrica e Discreta. As tipologias mais citadas por um número maior de autores são: a Notação Gráfica (também denominada Partituras Gráficas, Notação Implícita ou Gráficos Musicais) e as Partituras de Texto (também chamada de Notação de Ação, Escrita de Ação ou Partitura Verbal). Por outro lado, algumas tipologias não apresentam similaridade com nenhuma outra, como é o caso de Notação Polivalente de Pergamo e Indicação de Jogo de Stockhausen (Del Pozzo, 2008, p. 88).

Considerando que a mesma escrita musical pode receber nomenclaturas diferentes de acordo com cada autor, é possível supor que uma mesma notação alternativa apareça em artigos distintos com nomes variados, como, por exemplo: partitura gráfica, partitura de intensidade proporcional e notação melódico-rítmica proporcional. Foram registradas três partituras gráficas, três partituras de intensidade proporcional e três notações melódico-rítmicas proporcionais, tendo como referência a nomenclatura utilizada pelos autores.

Vale notar ainda que a mesma notação tem recorrência em alguns artigos; por isso, foi contabilizada a frequência com que elas aparecem em todos os artigos do levantamento, ao invés de contar cada tipo de notação individualmente. O caso da partitura gráfica da Figura 6 é bastante peculiar, pois esse tipo de notação se manifesta em diversas obras (Ramos e Marino, 2003; França, 2009 e Andrade, 2019).

Figura 6: exemplo de partitura gráfica

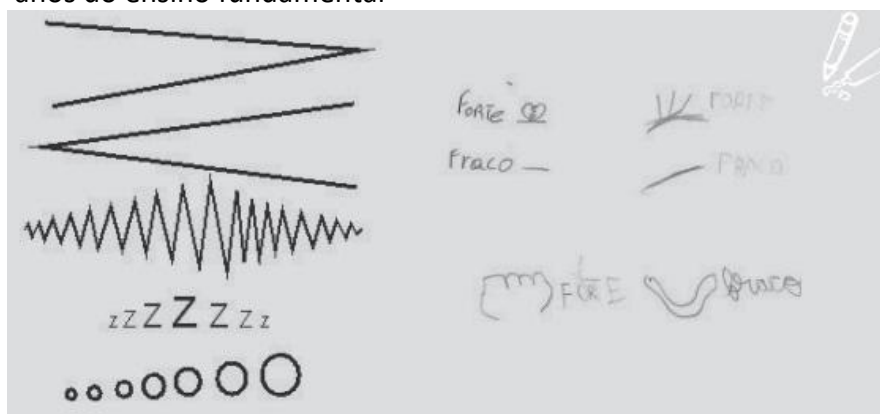


Fonte: França (2009, p. 34).

Nos artigos estudados, observa-se a aplicação de múltiplos referenciais notacionais, como ilustrado na Figura 7, que pode ser interpretada como: Partitura Mnemônica, Partitura

Gráfica, Partitura de Improvisação e Partitura de Intensidade Proporcional. Desse modo, a mesma notação específica, presente em um único texto, foi decomposta e contabilizada mais de uma vez.

Figura 7: Exemplos de notações produzidas por alunos de 2º e 4º anos do ensino fundamental



Fonte: Oliveira e Oliveira (2014, p. 69).

De acordo com os parâmetros de investigação utilizados, as nomenclaturas notacionais mais presentes são: partitura gráfica, notação rítmica proporcional e partitura mnemônica, seguidas pela notação melódico-rítmica proporcional.

Quanto às dimensões musicais representadas

Identificar as dimensões ou parâmetros musicais presentes nas abordagens da grafia não convencional foi igualmente crucial. Assim, foi estabelecida a seguinte classificação referente aos parâmetros musicais (Tabela 4).

Tabela 4 — Classificação das notações quanto às dimensões musicais representadas

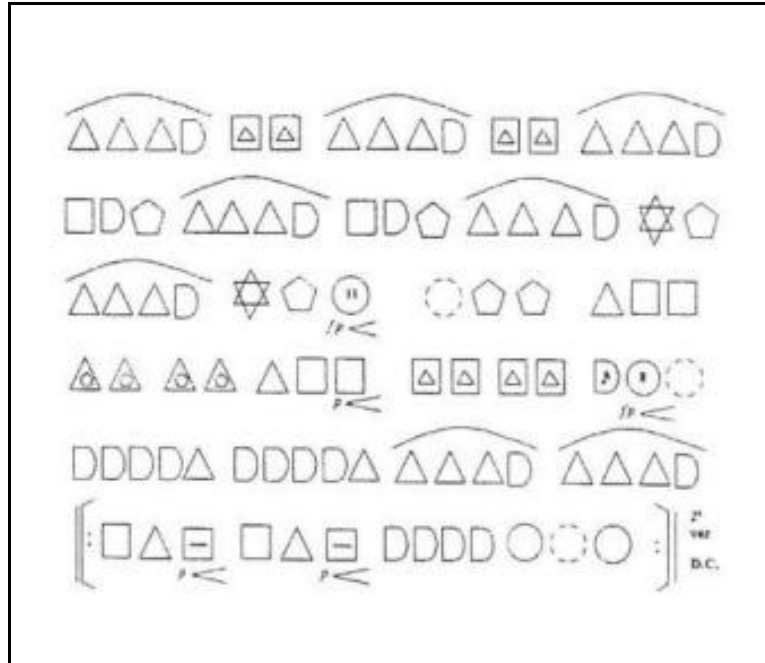
Tipologia da notação	Revista da Abem	Revista Música na educação básica	Total nas duas revistas
Rítmica	11	18	29
Melódica	6	11	17
Melódico / Rítmica	2	7	9
Representação gráfica da paisagem sonora	1	3	4
Intensidade	1	6	7
Intensidade e Ritmo		1	1
Melodia e Intensidade		1	1
Melodia , Ritmo e intensidade		1	1
Outros ²	2		2

Fonte: elaboração própria.

Na classificação proposta, observa-se que a última linha da tabela contém o referencial “outros”. Para os autores, essas notações não fornecem informações claras o bastante para explicar o que representam — muitas são apresentadas apenas como exemplos curtos de tópicos específicos, como na partitura de "Onze", de Marco Antônio Guimarães (Figura 8), mencionada em Ramos e Marino (2003).

Figura 8: Partitura de "Onze", de Marco Antônio Guimarães

² Outros: esse termo é utilizado na tabela para indicar as notações que não possuem uma bula com indicações sobre sua execução, ficando assim obscura ao leitor.



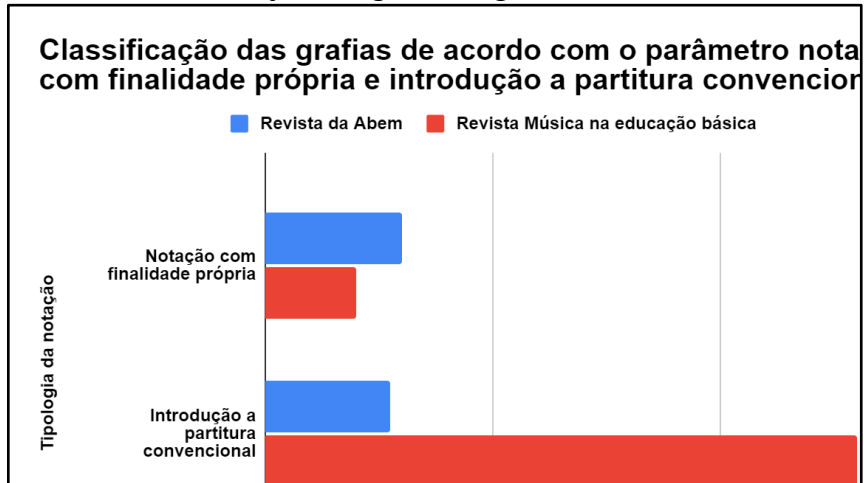
Fonte: ROCHA (2001, p. 212) apud Ramos e Marino (2003, p. 48)

Quanto à finalidade

Um aspecto importante da notação alternativa é sua função pedagógico-musical. Certas notações abordam parâmetros que não estão presentes ou são tratados de forma secundária na escrita convencional (como a pulsação ou a repetição das notas na escala a cada oitava), utilizando símbolos específicos para esse fim. Já outros autores veem a notação alternativa como uma ferramenta didática para facilitar o aprendizado da escrita musical ocidental, considerando-a uma protonotação.

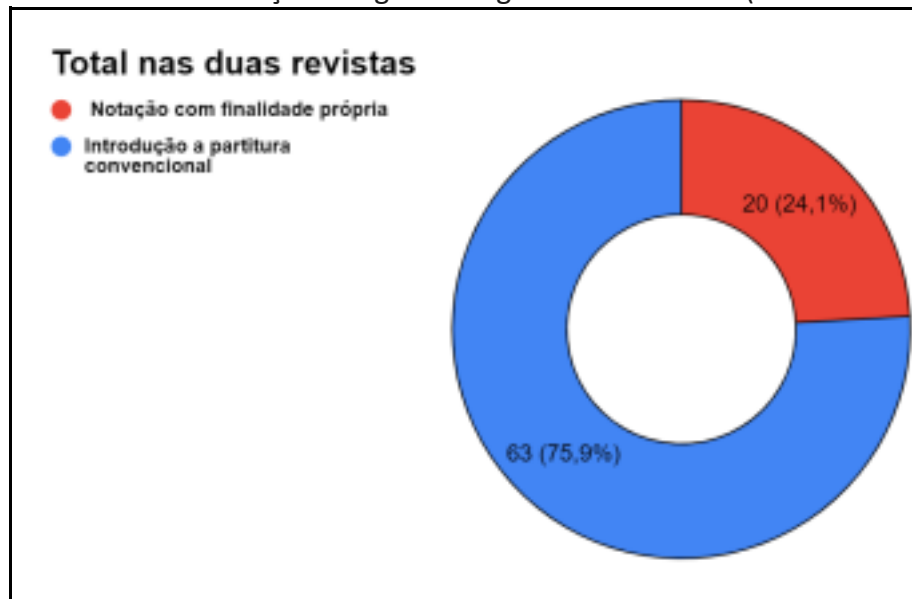
O gráfico 1 e 2 apresentam o número de grafias cujo objetivo é representar parâmetros ausentes na notação convencional, em comparação com aquelas consideradas introdutórias à notação convencional, de acordo com a perspectiva dos autores.

Gráfico 1: Classificação das grafias segundo a finalidade



Fonte: elaboração própria

Gráfico 2: Classificação das grafias segundo a finalidade (total nas duas revistas)



Fonte: Elaboração própria.

Considerando que o público-alvo da Revista MEB são professores da educação básica, é possível inferir que a aquisição da notação musical convencional ainda é um desafio a ser superado nesse contexto, as notações alternativas são utilizadas como ferramentas intermediárias para facilitar esse processo, o que se reflete nas ideias, reflexões e materiais didáticos propostos pela MEB.

Na investigação das publicações das duas revistas acadêmicas, percebeu-se que diversos autores relegam a notação alternativa a um plano secundário, uma vez que sua

função está vinculada ao ensino da grafia ocidental. França (2010, p. 13), porém, ressalta que, “uma vez que claves e colcheias são ensinadas, raramente se retorna às notações alternativas, um aspecto que deve ser ponderado ao optar por uma ou outra abordagem.”

Nesse cenário, é possível notar que as grafias musicais alternativas ainda são pouco exploradas, já que apenas 28 artigos (5%) abordam a temática (explícita ou implicitamente), em um total de 535 artigos em português. Na Revista MEB, o número foi consideravelmente maior (22%), o que provavelmente está associado ao fato de que o periódico é voltado para as práticas pedagógicas musicais na educação básica, e muitos de seus autores utilizam protonotações como uma proposta didática introdutória à grafia da partitura ocidental.

Considerações Finais

Durante esta pesquisa, exploramos a presença e o tratamento das notações musicais não convencionais em artigos acadêmicos publicados em dois periódicos voltados para a educação musical. Os resultados evidenciam a importância crescente desse tema, com um número considerável de artigos abordando as notações alternativas de maneira implícita. No entanto, observa-se que apenas uma minoria de artigos discute essa temática de forma explícita, sugerindo que há potencial para uma maior exploração desse assunto nas pesquisas acadêmicas.

É fundamental destacar que a análise das categorias de abordagem temática permitiu identificar nuances na forma como as notações alternativas são tratadas nos periódicos analisados. Essas nuances podem impactar a visibilidade e a acessibilidade das informações sobre notações musicais não convencionais na literatura acadêmica.

A presente pesquisa também colabora para elucidar como as notações alternativas são incorporadas à prática pedagógica e ao debate acadêmico em música. A discussão sobre os desafios e vantagens dessas notações estimula um diálogo essencial entre pesquisadores e profissionais da educação musical.

Entretanto, é fundamental reconhecer que este estudo tem algumas limitações. A análise foi restrita a dois periódicos, e outras publicações acadêmicas podem fornecer perspectivas diferentes sobre o tema. Além disso, a pesquisa considerou apenas os aspectos textuais dos artigos, excluindo outras formas de representação, como gráficos e as notações

musicais em si. Dessa forma, futuras investigações podem explorar essas áreas para uma compreensão mais abrangente.

Em síntese, este estudo serve como um ponto de partida para a reflexão sobre a presença e a abordagem das notações musicais não convencionais na pesquisa acadêmica em música e educação musical. À medida que a música se transforma e se diversifica, é essencial que acadêmicos e educadores acompanhem essas mudanças e explorem novas formas de representação musical. Esperamos que este trabalho inspire pesquisadores e educadores a considerar as notações alternativas como um elemento importante e valioso no campo da música e da educação musical.

Referências

ABREU, Thiago Xavier de; DUARTE, Newton. A notação musical e a relação consciente com a música: elementos para refletir sobre a importância da notação como conteúdo escolar. *Revista da Abem*, v. 28, p. 65-80, 2020.

ALCANTARA NETO, Darcy. *Aprendizagens em percepção musical: um estudo de caso com alunos de um curso superior de música popular*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música, Belo Horizonte, 2010.

BIAZON, Stênio. Captação de contato: tecnologia e corporalidade numa educação musical de invenção e desfrute. *Música na Educação Básica*, v. 9, n. 10/11, 2019.

CHEDIK, A. *As 101 melhores canções do século XX*. 4ª edição, vol. 1. Editora Limiar. 2004.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Sopa de letrinhas: notações analógicas (des)construindo a forma musical. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v.2, n. 2, setembro de 2010.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Sozinha eu não danço, não canto, não toco. *Música na Educação Básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009. ISSN 2175 3172

GROSSI, C. S.; MONTANDON, M. I. Teoria sem mistério: questões para refletir sobre a aprendizagem da grafia musical na prática. *In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE COGNIÇÃO E ARTES MÚSICAIS*, 1., 2005. Curitiba. Anais... Curitiba: Editora da UFPR. 2005. p. 120-127.

MED, Bohumil. *Teoria da Música*, 4ª ed. MusiMed Edições Musicais, 1996.

MONTEIRO, Daniel José Mateus. *O design e a notação musical: movimentos, elementos, cultura*. Dissertação (mestrado) - Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes, Porto,

2020.

OLIVEIRA, Josué; Oliveira, TIAGO; Batucatudo: explorando sonoridades por meio de instrumentos de percussão. *Música na Educação Básica*, Londrina, v.6, n.6, 2014.

POZZO, Maria. Novos símbolos de notação na Música Brasileira para Piano. CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO (ANPPOM), XVIII, 2008, Salvador-BA, Editora ANPPOM, 2008, p. 87 a 91.

RAMOS, Ana Consuela e MARINO, Gislene. Iniciação à leitura musical no piano. *Revista da Abem*. número 9, setembro de 2003.

SOUZA, Jusamara Vieira. Modelos de iniciação musical na Alemanha. *OPUS*, Porto Alegre, v. 3, n. 3, set. 1991.